

# Compreensão do oral

---

## I. O conto deve ser lido pelo professor.

### VERÕES FELIZES

Os verões, na quinta da avó, eram tempos felizes, que iríamos sempre recordar depois. Na verdade nada de especial se passava, eram dias tranquilos, em que os adultos deixavam as crianças relativamente entregues a si próprias.

Também é verdade que se estava num espaço protegido, e que havia tios e tias, além das criadas, olhando pelo pequeno bando de irmãos e primos. Mas não nos sentíamos olhados, andávamos por ali como pequenos animais à solta, gozando uma sensação de liberdade quase inteira. Fazendo coisas como subir às árvores, descobrir ninhos, ouvir os pássaros, regar os canteiros, jogar aos berlines, à cabra-cega e à malha, fazer festas ao gato, pintar com lápis de cor, correr ao pé-coxinho na varanda, jogar às escondidas com o cão.

Quando já se tinha feito e tornado a fazer tudo isso, por vezes sentíamos-nos perdidos e parávamos porque se quebrava o fio das coisas e começava a instalar-se o tédio. Então vagueávamos de um lado para outro, à procura, ou aterrávamos finalmente junto de alguém e perguntávamos: E agora? O que vou fazer?

Conforme a pessoa a quem se perguntava, assim se ouviam as respostas, ou nem sequer se ouviam, porque não eram exatamente as respostas, era a pessoa mesma, a sua presença no momento, ao pé de nós, que sem saber ao certo como, abria de repente um caminho.

Assim, por exemplo, a avó pregava botões, a tia Serafina arrumava o armário do corredor, a Abrilina passava a ferro, a Engrácia descascava ervilhas. E a gente circulava em volta, curiosa, só a ver, perguntando para que era isto ou aquilo, e era só ir ficando e olhando, as coisas começavam a desdobrar-se e a acontecer de outro modo.

Via-se por exemplo como em volta da avó o quarto era espaçoso e ouvia-se, ao pé dela, o ressonar leve do cão, quase igual ao de uma pessoa, sentia-se, quando se chegava mais perto, o cheiro a pó de arroz na cara dela, ouvia-se o barulho dos botões, chocalhando na lata, quando a avó entornava os botões no colo para escolher ou procurar algum.

E então dava-se conta de que a lata tinha a forma de uma casa, com um telhado vermelho a fazer de tampa, e uma menina pintada, a bater à porta, em bicos de pés.

Via-se uma mancha de sol no soalho, que se entornava como água em cima do tapete. E um vaso de flores à beira da janela, que tinha cortinas de renda.

Teolinda Gersão, *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*, Sudoeste Editora

## II. Questionário único:

### 1) Indica as afirmações verdadeiras e falsas. Corrige as falsas.

- O narrador relata uma memória de infância.
- Os verões passados na quinta da avó eram momentos de tédio.
- As crianças eram constantemente vigiadas pelos adultos.
- As crianças entretinham-se a subir às árvores, regar canteiros, jogar ao berlinde, à cabra-cega e à malha.
- As crianças nunca se aborreciam.
- As mulheres adultas tinham demasiado tempo livre.
- A história é toda contada na terceira pessoa.
- Trata-se de uma história atual, que ocorreu neste século XXI.
- A relação avó-netos desta história é semelhante à do conto *Avó e neto contra vento e areia*.